

Triste Bahia

(21)

130794 Jair de Freitas (*)

Colaborador

"Triste Bahia!

Oh, quão dessemelhante

Estás, e estou do vosso antigo estado!"

(Gregório de Matos)

■

Ouvindo Cactano, lembrei Gregório. Sons barrocos, dons bahianos. Bahia, no com h. Porque só há bahiano com h. E isso me trouxe à convivência pessoal e íntima que mantenho com as aliterações. Meu próprio harém, que às vezes beira o trocadilho. Af, pensando em barroco, de no chão. Pensar é um abismo, mas é no chão que as ayes tramam as viagens.

Se existe algo que possa ser chamado aliteração na política ou na arte, porque elas são parcas vitelinas, este barroco designa, etimologicamente, uma pérola irregular com altos e baixos, ou extravagante, exagerado; coisa sem ideal artístico, composição sem caráter elevado, sem exuberância. Por extensão, que tem muitos enfeites, mas sem graça.

A mente capta, apesar dos mentecaptos. Danei a conjurar uma "arquitetura" cultural de Santos na história e na geografia política. O estalo foi o rococó. Note-se: barroco, rococó, são classificações, e como classificações, são substantivas, embora quase adjetivas. Por rococó pode-se entender aquilo que é ornamental, eivado de curvas sinuosas e profusão de elementos decorativos. Barroco ou rococó, qual definiria melhor a atual política para a cultura desta Cidade? Traria esta pergunta em seu bucho um questionamento, santista, sobre "mito da representatividade"?

Muitas perguntas sem respostas, ainda. Ainda... O Barão de Itararé, o primeiro filósofo a identificar coisas no ar além dos "aviões de carreira", dizia que os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mais vivos, mas que não se deve chutar cachorros mortos. Eu acrescentaria: não se deve chutá-los enquanto vivos, mesmo porque o adágio antigo adverte que há os que se fazem de mortos para...

Fique claro. Isto é um desabafo pessoal, o exclame de uma voz que ainda pode ser ouvida quando a de muitos não encontra eco. É uma tomada de posição. Quem cala nega o seu passado, sua história, suas idéias. Nega a vida e não legará saldo ao futuro. Não existe tática que possa sobrepor-se a princípios. Princípios são, por definição, negociáveis. Radicalmente, pelo étimo, de raiz.

Se não, vejamos. Uma administração para a cultura de Santos, sobrevivida — para não dizer *parnevu* — à última, não pode ser arrivista. Seria pleonismo ou redundância. Flexando somente este alvo,

Quem cala
nega seu
passado, sua
história e
suas idéias

e tantos são os testemunhos, aquela propiciou-nos um ensaio do que poderia ser uma nova "Barcelona Brasileira". A ingenuidade não nos exime de responsabilidade, pois que,

se não, deveríamos interditar-nos, muitos de nós. Responsabilidade exige ação. Ação é combate e a diplomacia bem o tem demonstrado. Não se poderá mais pretender transformar aquela ebulição em marasmo, apatia, abulia. Não se permitirá. Não nos assistirá a indiferença catatônica. Temos que construir a cidade futura e não há futuro sem cultura. Como Antonio Gramsci, odeio os indiferentes. Urge que alguém entenda que a política "é" e é além do que tem sido praticado. Que ideologia não gera ideologia, superestrutura não gera superestrutura, se não como herança de inércia e de passividade. Um ou outro, corolário ou epítáfio, representam o fim da utopia, a morte.

"(...) Acredito que viver significa tomar partido. Não podem existir os apenas homens, estranhos à cidade. Quem verdadeiramente vive não pode deixar de ser cidadão e partidário. Indiferença é abulia, parasitismo, covardia, não é vida. (...) odeio os indiferentes, também, porque me provocam tédio as suas lamúrias de eternos inocentes. Peço contas a todos eles pela maneira como cumpriram a tarefa que a vida lhes impôs e impõe quotidianamente, do que fizeram e sobretudo do que não fizeram. E sinto que posso ser inexorável, que não devo desperdiçar a minha compaixão, que não posso repartir com eles minhas lágrimas. Sou militante, estou vivo, sinto nas consciências viris dos que estão comigo pulsar a atividade da cidade futura, que estamos a construir (...)"

O espaço é pouco e o tempo urge. Aos vivos fica um chamado. Há muita coisa a ser dita e muita a ser construída. Mas, por agora, como o que dá para rir dá para chorar, fiquemos com o Barão do Itararé: diz-me com quem andas e eu te direi se vou contigo.

(*) Jair de Freitas é poeta e assessor para publicação Centro da Memória Santista, da Prefeitura Municipal de Santos